

SLISKO, Josip y MEDINA, Rebeca. Hernández **Un curso de mecánica clásica sin conferencias magisteriales: objetivos, elementos del diseño y efectos en los estudiantes.** Lat. Am. J. Phys. Educ. Vol. 1, No. 1, pp. 51-61, 2007.

PRINCE, M. **Does active learning work? A review of the research,** *Journal of Engineering Education*, Vol. 93, No. 3, pp. 223-231, 2004.



O BURNOUT E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Ierecê Barbosa⁴

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa sobre o Burnout em professores do Ensino Fundamental, mas especificamente nos que atuam no Ensino de Ciências. Os objetivos foram: buscar na literatura de referência os conceitos e as causas do fenômeno e verificar através de grupo de discussão os sintomas da síndrome nos docentes. Os procedimentos metodológicos centraram-se na revisão de literatura e reunião com os professores para discutir a temática. Os resultados, parciais, sinalizaram para: o desconhecimento da síndrome de Burnout por parte dos professores; identificação de vários sintomas no grupo e a necessidade de se aplicar o Maslach Burnout Inventory -MBI - na segunda fase da pesquisa.

Palavras-chave: Síndrome de Burnout, Professores, Ensino de Ciências.

ABSTRACT: This article presents the partial results of a research about the “Burnout” syndrome that affect teachers of Fundamental Teaching Program, more specifically those who acts on Science Teaching. The main goals were: literature searching about concepts and causes of the syndrome and to verify the symptoms in a group of active teachers. The methodological

⁴ Psicanalista Clínica e Doutora em Educação - Professora do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências na Amazônia – ENS/UEA (e-mail: imonteiro@uea.edu.br)

approach was based in Specialized Literature Revision e teachers reunion. Our study shows that an expressive number of teachers do not know about the syndrome; several symptoms were identified in the study group and that the Maslach Burnout Inventory - MBI - will be needed in the second part of the study.

Keywords: Burnout Syndrome, Teachers, Science Teaching

INTRODUÇÃO

Antigamente, a educação era considerada um investimento sem retorno ou de resultados lentos e em longo prazo. Hoje, a educação é um investimento indispensável a qualquer país que pretenda um lugar no mundo pós-moderno. A educação nunca foi tão decisiva para construir uma economia próspera e uma democracia interativa, que conte com as parcerias possíveis, sem melindres e sem a capa grossa da vaidade que costuma engessar aqueles que têm poder de decisão. Sem ela não atingimos o tão sonhado desenvolvimento, até porque o crescimento tem uma conotação econômica, mas o desenvolvimento está atrelado ao social.

Temos que reconhecer que a informática e a automação foram as grandes protagonistas da nossa história recente e, provavelmente, as responsáveis pelo cenário de competição internacional. Há uma cobrança contínua e crescente de competência cognitiva de nações inteiras e isso ocasionou uma busca desesperada pela qualificação, uma tentativa de recuperar o tempo perdido a qualquer preço. O grande problema é que experiência não se pede emprestado, se adquire e para isso é extremamente necessário a maturação, o engajamento e a vontade de acertar.

No passado, várias nações foram construídas tendo como base uma educação universal. No futuro, muitas nações poderão sucumbir por falta dela. O paradigma produtivo do planeta mudou e com isso mudou também o enfoque educativo. Com o capital internacionalizado, a escolha onde aplicá-lo dependerá mais do perfil educacional de um povo do que dos fatores geopolíticos. Quanto mais desqualificada for a nação, no que tange a educação, mais atrairá investimentos vorazes em se aproveitar da situação de penúria e sem responsabilidade social.

Como outros países, o Brasil busca recuperar o tempo desperdiçado e tem o grande desafio de fazer a sua revolução pedagógica, quebrando com anos de falsas reformas (a mesmice com a cara nova). Aliás, temos uma trajetória triste de ser lembrada quando o Marques de Pombal substituiu os jesuítas por leigos mal remunerados e completamente despreparados e parece que isso ficou

como marca referencial de alguns gestores educacionais. O que se observa na história da educação brasileira são tentativas isoladas e desarticuladas de uma política nacional. Sempre estamos começando algo que não concluímos. Na década de 50, o programa acelerado de substituição de importações trouxe tecnologias já prontas, com isso a educação das massas foi desacelerada. Em 64, havia a idéia de construir um grande projeto educacional integrado. Não aconteceu. Tivemos uma excelente expansão do Ensino Superior e um grande descaso pela qualidade dos níveis anteriores, o que gerou uma atrofia no sistema como um todo.

É necessário reconhecer a nossa cultura de apoio as estatísticas equivocadas, difundidas pelos órgãos competentes e até aceitas por especialistas em educação, que transforma os problemas educacionais em moeda eleitoreira, em radiografias que visam demonstrar competência administrativa, camuflando a alienação acadêmica e o mercantilismo educacional.

Há problemas demais na educação brasileira e não podemos negá-los e nem varrê-los para baixo do tapete. O certo é deixá-los vir à tona e encará-los de frente, buscando apoio em toda a sociedade brasileira. Tínhamos uma “pedagogia da repetência”, agora temos a “pedagogia da aprovação”. Ou seja, os dois extremos. Cadê o ponto de equilíbrio? Alguma coisa está errada.

Todos os que se dedicam à educação sabem disso e vivenciam um sentimento de frustração significativo. O problema é que quando a frustração é coletiva tende-se a naturalizá-la. Seu gosto amargo parece fica menos acentuado ou um pouquinho doce e inicia-se um processo de humorização daquilo que é frustrante, puro mecanismo de defesa. Afinal, os seres humanos experimentam sentimentos frustrantes independentemente da situação financeira ou classe social.

O pai da psicanálise, Sigmund Freud, costumava dizer que “nada do que diga respeito aos seres humanos deveria causar estranheza”. Ou seja, não deveríamos ficar desesperados com as perdas, os danos, os choques e outros acontecimentos que deixam em nós um tremendo vazio existencial. Mas, não conseguimos evitar que isso aconteça dado a nossa sensibilidade. O mesmo se aplica a educação e a construção do saber, se perdermos a capacidade de indignação estaremos abrindo mão da nossa condição humana, deixando de ser *seres para si* e passando a ser *seres para os outros*. (FREIRE, 1960)

A frustração pode ser definida como a não obtenção de um objetivo considerado importante para nós e não precisa ser um grande alvo. Aliás, tem coisas pequenas que nos deixam até mais frustrados, pois se são menores o lógico seria alcançá-las com facilidade e quando isso não ocorre ficamos com uma sensação de impotência. Como é que não conseguimos algo tão bobo? Daí a frustração se alarga e ganha proporções inesperadas. No rol dos acontecimentos frustrantes atrelados à docência estão dois pontos básicos e seus possíveis desdobramentos, são eles:

A) As perdas educacionais, incluindo aí a desvalorização da carreira de magistério em todos os níveis, a desvalorização da titulação acadêmica em detrimento de outras profissões, não que os outros profissionais de diversas áreas estejam ganhando muito, o professor, titulado ou não, é que ganha pouco;

B) A rapidez das mudanças, que geram defasagem e levam o docente a trabalhar com escassos recursos tecnológicos e a lidar com alunos que assistem documentários maravilhosos nos canais fechados de TV e têm na Internet um apoio considerável, disponível nas instituições, em casa, e nas esquinas, através das lan houses. Certamente tais mudanças se constituem num grande desafio para o professor que não tem tempo para ler e nem para assistir tais documentários, pois vive correndo de uma instituição para outra para complementar a renda mensal.

A sociedade mudou e as instituições de ensino apostam ainda na mediocridade, até os concursos públicos para instituições brasileiras acabam por excluir a produção do saber, colocando-a em terceira instância, após a prova escrita e a prova didática. Aparentemente tais critérios parecem naturais, como se tivessem nascido assim e não criados pelo ser humano em sua capacidade de produzir cultura. Entretanto, um olhar mais apurado, desnuda a intencionalidade: a produção do saber é coadjuvante do processo educacional. Não é a toa que a síndrome de Burnout apresenta percentuais significativos na docência. Aliás, o mal-estar docente começa com acontecimentos corriqueiros, tais como: o aumento salarial que não veio, o aluno brilhante que desistiu e foi trabalhar na economia informal, os preços dos livros de apoio, a traição por parte de alguém que parecia amigo, ter que conviver com alguém que você não sintoniza, a inveja da titulação conquistada, a rotina sufocante, a participação de reuniões infundáveis e improdutivas, as injustiças, as safadezas, as armações, um ambiente de falsidade, competição desleal, ironia ou arrogância por parte de alguns chefes, a falta de plano de capacitação, a idealização de uma forma de vida e ter que viver outra por fatores alheios a sua vontade, e por aí vai.

São inúmeros os motivos capazes de causar frustração, sentimento de impotência, de incapacidade na carreira docente. Em verdade, sentimos os fatos como derrota pessoal e isso baixa significativamente a nossa auto-estima. Passamos a achar que somos menos do que imaginávamos ser e que não temos tanta capacidade assim. Ficamos murchos, sem brilho e podemos permanecer assim por poucas horas ou uma vida inteira. Isso vai depender da forma como encaramos os acontecimentos, até porque a cada experiência ou estímulo atribuímos um significado e, conseqüentemente, temos uma interpretação mental. Vamos supor que várias pessoas estejam num cinema assistindo uma cena cômica. O estímulo é o mesmo (a cena), mas as reações podem ser diversas: pessoas podem dar gargalhadas, outras darem apenas um sorriso e algumas podem achar a cena sem nenhuma graça. Ou seja, vai depender da interpretação mental de cada uma, aliada ao seu estado emocional. Uma demissão é uma experiência frustrante, mas se dermos a ela um significado catastrófico, nossa vivência terá esse matiz. A interpretação dada a essa demissão irá desencadear uma ou várias reações emocionais: pode ser raiva da instituição, do chefe, desespero por não saber o que fazer, insegurança, medo, raiva do conjugue por fazer uso do cartão de crédito sem nenhum critério, arrependimento por não ter poupado o suficiente para emergências e até chegar ao extremo de cometer suicídio.

As armadilhas das frustrações estão no contexto social e na maneira como encaramos os fatos. Às vezes, criamos as nossas próprias frustrações quando cultivamos ambições idealizadas, nos omitimos diante dos obstáculos e das dificuldades e responsabilizamos outras pessoas ou fatores externos pelos nossos fracassos. A atitude mais correta diante das frustrações é analisar os fatos de cabeça fria, solicitar a ajuda de alguém que tenha visão larga, assumir as falhas, lutar contra os obstáculos e influências externas, ter consciência que ninguém tem obrigação de viver os problemas dos outros, a não ser que seja por opção, programar alternativas de solução e, finalmente, sacudir a poeira e dar a volta por cima. Sem sentimento de culpa.

1- O QUE TORNA O PROFESSOR TÃO QUEIXOSO?

Na tentativa de melhor responder tal questionamento buscou-se, inicialmente, ajuda nas investigações de Beck & Gargiulo (1983); Byrne (1991,1993); Carvalho (1995); Moura (1997), Maslach (1993); Vanderberghe & Huberman (1999); Maslach & Leiter (1999); e Esteves (1999). Para acalmar a inquietação que sempre acomete o pesquisador frente às incertezas encontramos muitos estudos referentes ao mal-estar docente, o que nos trouxe a convicção de que a síndrome

de Burnout em professores não é recente. Talvez recentes sejam: o desafio da categoria em identificar e declarar os sintomas; os estudos sobre a síndrome em docentes no Amazonas; e, principalmente, o reconhecimento como problema sério, com importantes agravantes psicossociais. Segundo os autores citados, Burnout é um tipo de estresse ocupacional que acomete profissionais envolvidos com qualquer tipo de cuidado em uma relação de atenção direta, contínua e altamente emocional. Para Maslach & Leiter (1999) as profissões mais vulneráveis são aquelas que envolvem serviços, tratamento ou educação. Segundo Ivwanicki & Schwab (1981) e Faber (1991) “a severidade do Burnout entre os profissionais de ensino já superou a dos profissionais de saúde, o que coloca o magistério como uma das profissões de alto risco”.

O mal-estar docente se refere, segundo Esteves (1999), aos efeitos de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência. Ouvindo cinquenta professores de Ensino Fundamental e utilizando algumas categorias já levantadas em outros estudos e outras formuladas durante o processo de pesquisa, chegou-se aos seguintes indicadores que geram frustrações no corpo docente e que vão pouco a pouco tecendo a síndrome do Burnout. Vejamos:

As exigências contemporâneas

As exigências do mundo pós-moderno não são acompanhadas de novos recursos que supram a formação profissional. Além de saber o conteúdo da disciplina que leciona exige-se do professor que ele atue como pedagogo, psicólogo, terapeuta, animador de grupo, sexólogo, líder e até babá. Foi constrangedor ouvir de um excelente aluno do Curso Normal Superior, que acabara de passar por um exame de seleção para um emprego, que não foi admitido pelo fato de “*os pais, com certeza, não iriam gostar de saber que um professor estava acompanhando as crianças ao banheiro, no caso de admitirem uma professora, a escola não teria problemas*”. Além do professor multifuncional, na Educação Infantil o gênero parece ser prioridade e, como tal, fica acima da competência.

A desestruturação e omissão familiar

A família brasileira conquistou nas últimas décadas vários direitos, mas abriu mão dos seus deveres, delegando a escola muitas de suas atribuições que foram parar na mesa de trabalho do professor que teve que assumir, a revelia, a desresponsabilização dos pais. Muitos autores atrelam a omissão familiar à entrada de mulher no mercado de trabalho, mas esquecem de questionar: quem é essa mulher? Na maioria das vezes são analfabetas funcionais, oriundas da escola “polyana”, aquela que faz de conta que o professor ensina, que o aluno aprende e que o aluno passa sempre, embora ele não saiba nem ler e nem escrever. O faz de conta na educação é um dos fortes estressores. Cabe frisar que o processo de Burnout é individual. Ele surge silenciosamente, os professores não percebem e muitos, quando diagnosticados, se recusam a aceitar. É cumulativo, com incremento progressivo em severidade. (RUDOW, 1999).

A comunicação alternativa

Os diversos núcleos de produção de **comunicação alternativa** são uma força relevante na nova forma de comunicação que vem se constituindo ao longo dos últimos anos. Seu principal veículo de comunicação é a Internet e as TVs por assinaturas. Os alunos chegam a sala de aula, hoje, com uma gama de conhecimentos prévios que os diferencia dos alunos de ontem. O professor não pode e não deve mais ministrar aulas como ministrava há dez ou quinze anos. Os programas de capacitação, que são precários em maioria e acontecem em intervalos de tempos alargados, não conseguem acompanhar a velocidade das mudanças, o professor sente-se sempre defassado.

A mercantilização do ensino e a desvalorização profissional

Para Lampert (1999) a educação é gerenciada e vista como um grande negócio que traz lucro a curto prazo. A sociedade percebe essa conotação de ensino, desenvolvendo uma percepção negativa em relação ao mesmo, a instituição e ao professor que aceita participar desse jogo de relações mercantilizadas. Tal generalização leva ao desprestígio da função docente e, conseqüentemente, vem contribuindo para o aumento do Burnout entre os professores.

As múltiplas tarefas docentes

A mais-valia pedagógica é um outro fator estressor que contribui fortemente para a síndrome de Burnout. Em tempos não muito distantes, o professor planejava e ministrava aulas. Hoje, um professor universitário, tal qual o operário industrial, tem que ser multifuncional. O que muda são

as ferramentas de trabalho, em vez de apertar parafusos, encaixar peças etc, o professor, além de planejar e ministrar aulas, tem que participar de várias reuniões, administrar, secretariar, elaborar projetos, corrigir provas e trabalhos, produzir material (livros, apostilas, slides etc), selecionar filmes e documentários, avaliar, orientar Monografias e Projetos de Iniciação Científica, produzir artigos para eventos científicos e revistas indexadas, atualizar constantemente o Currículo Lattes, lidar com as mudanças da informática pedagógica (chamada, lançamento de notas, plano de ensino, RIT, PIT e as comunicações internas). Quando o sistema está fora do ar, perde-se uma manhã, uma tarde e até o dia todo. Além disso, o professor deve ter pesquisa institucionalizada cujos formulários são burocratizantes e que necessitam passar pelo Comitê de Ética, que, na maioria das vezes, propõe modificações e acaba engessando a pesquisa e desestimulando o professor que dispõe de pouco tempo para ir e vir. Quando a pesquisa é financiada o trabalho triplica devidos os relatórios e as prestações de conta. Haja estresse.

As relações interpessoais na docência.

Até a bem pouco tempo, o professor era o dono do saber, o detentor do conhecimento, e isso dava a ele uma posição privilegiada nas relações interpessoais. Os alunos nutriam uma grande admiração por aquele que era capaz de conduzir a sua intelectualidade, abrindo seus olhos para o mundo. Hoje, a situação é outra, o professor é apenas o mediador do conhecimento, pois a Internet disponibiliza o conhecimento para quem quiser acessar. Aprender e desempenhar essa nova maneira de ser docente é um desafio e tanto. Os alunos percebem e os internautas questionam, testam, avaliam impiedosamente e até agridem verbalmente. A violência simbólica está muito presente nas instituições e cresce a cada dia que passa em todos os níveis de ensino, ganhando espaços nos meios de comunicação. A imagem social do professor está na pauta do dia.

A “verdade” transitória.

Na pós-modernidade tudo muda numa velocidade espantosa. O que é verdade hoje, pode deixar de ser amanhã. Os avanços na ciência e tecnologia forçam as mudanças e geram as exigências sociais. O professor sente que já não basta estar em dia com o conteúdo de sua disciplina. A exigência de conteúdos novos acaba por abalar a confiança que o professor tinha no domínio do conteúdo, ele nunca sabe se realmente está ensinando o que há de mais novo para melhor preparar os alunos para o mercado de trabalho ou se o conteúdo já está ultrapassado. Santos

(1999) diz que a ruptura do consenso social sobre a educação ocasiona um desamparo ao docente, trazido pela falta de consenso social, fazendo com que os assuntos trazidos pelo professor, para a sala de aula, sejam passíveis de contestação. Caso o professor se desequilibre emocionalmente ao ser contestado, corre um sério risco de perder o domínio de classe e o respeito dos alunos. Tal situação é extremamente extressora e muito comum, levando-se em consideração o professor multifuncional pós-moderno.

2- AS IMPLICAÇÕES DO BURNOUT NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Dos 50 professores do Ensino Fundamental ouvidos, as queixas relacionadas ao Ensino de Ciências foram alusivas à escassez do livro didático; a ausência de laboratórios; o pouco caso das autoridades competentes para com a capacitação; as turmas numerosas (de 50 a 60 alunos); a pedagogia da “aprovação”; falta de climatização nas salas; alunos desinteressados, brigões e agressivos; formação de turmas sem levar em conta a faixa etária; domínio deficitário do conteúdo e de técnicas de ensino; violência; livros sem exemplos regionais. Apenas dois professores conheciam o termo Burnout e sabiam o que significava, pois já tinham passado por tratamento terapêutico. Os sintomas relatados durante a realização do grupo de discussão foram:

- ⌘ Sensação de esgotamento físico, mental e afetivo;
- ⌘ Atitude fria e indiferente em relação aos outros;
- ⌘ Sensação de improdutividade e inadequação ao trabalho;
- ⌘ Fadiga;
- ⌘ Dores de cabeça;
- ⌘ Dor generalizada no corpo;
- ⌘ Insônia;
- ⌘ Instabilidade emocional;
- ⌘ Tristeza generalizada;
- ⌘ Vitimização (consideram-se explorado no trabalho, em casa e nas relações).

É importante frisar que não foi aplicado o MBI (Maslach Burnout Inventory) (MASLACH, at al, 1996) devido estarmos apenas iniciando os estudos nessa temática. Entretanto, o grupo de discussão mostrou que estamos no caminho certo, pois além dos sintomas relatados, característicos da síndrome de Burnout, outros fatos vieram à tona, como agressões por parte dos

professores, verbais e físicas, como o caso que ganhou manchete na mídia, explorando o fato de uma professora ter jogado o apagador de madeira no aluno, deixando-o com um hematoma na testa.

Codo (apud KUENZER, 2004, p.115) preceitua que:

O Burnout é a dor de um profissional enclacrado entre o que pode fazer e o que efetivamente consegue fazer, entre o céu de possibilidades e o inferno dos limites estruturais, entre a vitória e a frustração; é a síndrome de um trabalho que voltou a ser trabalho, mas que ainda não deixou de ser mercadoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A síndrome de Burnout não é nova e vem sendo estudada por pesquisadores de vários países. Pesquisas realizadas na década de 80 já apontavam altíssima incidência do problema entre os docentes norte-americanos. Posteriormente, o conceito começou a ser pesquisado no Canadá, Inglaterra, França, Alemanha, Israel, Itália, Espanha, Suécia e Polônia. No Brasil, pode-se dizer que os estudos são recentes, mas significativos. Em cada país foi aplicado o instrumento criado nos Estados Unidos, ou seja, o Maslach Burnout Inventory – MBI.

Este estudo apresenta resultados parciais, pois ainda não foi aplicado o inventário supra mencionado. Os resultados aqui apresentados são oriundos da primeira fase do estudo que se resumiu na descrição dos conceitos segundo os teóricos e na identificação da síndrome durante a aplicação da técnica de pesquisa (grupo de discussão).

A posteriori será realizada a pesquisa de campo, com a aplicação do MBI, objetivando sistematizar as distintas investigações para assentamento da descrição conceitual da síndrome de Burnout em professores de Ensino de Ciências no Amazonas.

Vale ressaltar que as referências são unânimes no tocante a uma causa em comum: a velocidade das mudanças ocorrida no planeta que alterou a cultura e os interesses do alunado, aumentando a violência nos centros urbanos, diversificando e intensificando o acesso a informação. Tais mudanças atingiram as escolas e desestabilizaram os docentes. Diante do exposto, precisamos, urgentemente, decidir que tipo de cidadão o Brasil quer ter. Depois disso, traçar uma política de

educação nacional, sem atrelamento a resultados mirabolantes e fantasiosos, mas atentos à realidade e para isso é fundamental lembrar Guimarães Rosa: “*o real não está no meio nem no fim, ele se descortina para nós é no meio da travessia*”.

Tudo indica que o Burnout faz parte da realidade da vida do professor brasileiro. Portanto, compreendê-lo, identificá-lo e combatê-lo deve ser uma preocupação de todos aqueles que buscam a melhoria do processo educativo. Dar a síndrome de Burnout maior visibilidade é uma maneira de minimizá-la, pois a maioria dos professores desconhece esse inimigo silencioso.

REFERÊNCIAS

BECK, C. L. & GARGIULO, R. M. *Burnout in teacher of retarded and non-retarded children*. Journal of Educational Research, 76,169-173. 1983.

BYRNE, B. *Burnout: investigating the impact of background variables for elementary, intermediate, secondary, and university educators*. Teaching & Teacher Education, 7, 2, 197-209. 1991.

BYRNE, B. *The Maslach Burnout Inventory: testing for factorial validity and invariance across elementary, intermediate and secondary teachers*. Journal of Occupational and Organizational Psychology, 66, 3, 197-213. 1993.

CARVALHO, M.M.B. *O professor – Um profissional, sua saúde e a educação da saúde na escola*. São Paulo: USP. Tese de doutorado. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 1995.

ESTEVE, J. M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo. EDUSP. 1999.

FREIRE, Paulo. *Uma educação para a liberdade*. 4ª ed. Porto (Portugal): Dinalivro.1960.

FRIESEN, D. & SARROS. J. C. *Sources off Burnout among educators*. Journal of Organizational Behavior, 10,2,179-189.1989.

IWANICKI, E..F. & SCHWAB, R. L. *A cross validation study of the Maslach Burnout Inventory*. Educational and Psychological Measurement. 41,1167-1174. 1981.
37

KUENZER, A. Z. *Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores e montadores de automóveis se encontram no sofrimento do trabalho*. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.107-119, mar.2004.

LAMPERT, E. *Universidade, docência e globalização*. Porto Alegre: Sulina: 1999.